



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS LIBRAS - BACHARELADO

Rhuan Lucas Braz Silva

**Tradução Comentada de um Capítulo de Livro: “O Sujeito
Surdo e a Literatura Surda: sentidos possíveis”**

São Luís/MA

2018

Rhuan Lucas Braz Silva

Tradução Comentada de um Capítulo de Livro: “O Sujeito Surdo e a Literatura Surda: sentidos possíveis”

Trabalho apresentado à Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para a conclusão do curso de Graduação Bacharelado em Letras Libras.

Professora Orientadora: Carolina Ferreira Pêgo

São Luís/MA

2018

Aos meus pais Valdinar e Goretti

*“Ainda que a minha mente e o meu corpo enfraqueçam, Deus é a minha
força, Ele é tudo o que eu sempre preciso.”*

- Salmo 73:26

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por cuidar de mim e permitir chegar até aqui mesmo em meio a tantas tribulações.

Agradeço aos meus pais, Valdinar Alves e Maria Goretti por sempre acreditarem que seria possível a chegada desse momento e por me encorajarem a nunca desistir, dando o suporte necessário para que eu pudesse concluir mais essa etapa de minha vida, sou muito grato meus queridos pais por todo o carinho e compreensão.

Aos meus amigos do Polo de São Luís, que foram uma verdadeira família ao longo desses anos, pelos momentos maravilhosos e divertidos durante as aulas, pelo aprendizado construído em conjunto, e pelo apoio mútuo.

As minhas tutoras, Andreia e Lea, por suas orientações e pelo exímio cuidado conosco, pelas motivações e dedicação, sem a ajuda de vocês acredito que não conseguiríamos ir tão longe nessa empreitada.

Aos meus professores, coordenadores, toda a equipe do Letras Libras pelas suas contribuições à minha formação.

A equipe do Letras Libras da UFPI, em especial aos Tils (Walkiria, Thais e Carlos), e professores pelo suporte, e pelo apoio nos momentos de dúvidas e incertezas.

Aos meus amigos surdos, que me ensinaram a amar a sua língua, a respeitar a sua identidade, sem vocês isso tudo não seria possível.

A todos que não pude citar, e que se pudesse, com certeza extrapolaria a quantidade de páginas, serei eternamente grato a todos envolvidos nessa conquista, pelas alegrias e sorrisos compartilhados. A vocês minha gratidão.

RESUMO

De forma simples podemos definir tradução como o ato de transferir, transladar, de modo restrito, uma operação de transferência linguística e, de modo amplo, qualquer operação de transferência entre códigos ou, inclusive, dentro de códigos. Sendo assim, o presente trabalho consiste na realização de uma tradução comentada do texto “o sujeito surdo e a literatura surda: sentidos possíveis” da língua portuguesa para Língua de Sinais, utilizando como padrão de registro as normas da revista brasileira de vídeo-registro em Libras, e com metodologia de tradução orientada pela modelagem de Williams e Chesterman (2002), o modelo de processo que pode ser situado em duas áreas dos Estudos da Tradução, são elas; (i) Análise de texto e tradução (Text Analysis and Translation) e (ii) Processo de tradução (Translation Process). Para a conclusão do trabalho, buscou-se apresentar reflexões acerca de escolhas tradutórias, de dificuldades encontradas no processo de tradução

Palavras-chave: Tradução. Libras. Tradução Comentada. Língua de Sinais.

ABSTRACT

In a simple way, we can define translation as the act of transferring, translating, in a restricted way, a linguistic transfer operation and, broadly, any transfer operation between codes or even within codes. Thus, the present work consists in the accomplishment of an annotated translation of the text "deaf subject and deaf literature: possible meanings" from Portuguese to Sign Language, using as standard of registration the norms of the Brazilian video-registration journal in Libras, and translation methodology guided by the modeling of Williams and Chesterman (2002), the process model that can be situated in two areas of Translation Studies, which are: (i) Text Analysis and Translation and (ii) Translation Process. For the conclusion of the work, we sought to present reflections about the translation choices and difficulties found in the translation process.

Keywords: Translation. Libras. Translation with Commentary. Sign Language

LISTA DE SIGLAS

ABNT	-	Associação Brasileira de Normas Técnicas
CEFET/GO	-	Centro Federal de Educação Tecnológica do Estado de Goiás
CEFET-SC	-	Centro Federal de Educação e Tecnologia do Estado de Santa Catarina
INES/RJ	-	Instituto Nacional de Educação de Surdos do Rio de Janeiro
L1	-	Primeira Língua
L2	-	Segunda língua
LIBRAS	-	Língua Brasileira de Sinais
LP	-	Língua Portuguesa
LS	-	Língua de Sinais
MEC	-	Ministério da Educação
PR	-	Paraná
RS	-	Rio Grande do Sul
SC	-	Santa Catarina
TILS	-	Tradutor/Intérprete de Língua de Sinais
TLO	-	Texto da Língua de Origem
TLT	-	Texto da Língua de Chegada
UDESC	-	Universidade Estadual de Santa Catarina
UFAM	-	Universidade Federal do Amazonas
UFBA	-	Universidade Federal da Bahia
UFC	-	Universidade Federal do Ceará
UFRGS	-	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFSC	-	Universidade Federal de Santa Catarina
UFSM	-	Universidade Federal de Santa Maria
UNB	-	Universidade de Brasília
UNISUL	-	Universidade do Sul de Santa Catarina

USP - Universidade de São Paulo

UT - Unidade de Tradução

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	-	Quadro de divisão de vestimenta e contraste	27
Figura 2	-	Quadro do glossário - Autores	28
Figura 3	-	Quadro do glossário - Terminologias	31
Figura 4	-	Quadro de trechos traduzidos	33

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1. REFERENCIAL TEÓRICO.....	13
1.1 Reflexões sobre a educação de surdos.....	18
1.2 Fidelidade na tradução.....	22
1.3 Modelos de Tradução.....	24
2. A PESQUISA.....	26
2.1 Procedimento de tradução.....	27
2.2 Aspectos técnicos da captação e edição da imagem de tradução.....	28
2.3 A autora	31
2.4 A obra.....	32
2.5 O glossário.....	32
3. ANÁLISE DE DADOS.....	36
3.1 Análise da Tradução comentada.....	36
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS.....	44
APÊNDICE.....	50
ANEXOS.....	51

INTRODUÇÃO

Apresentar o objetivo e as perguntas de pesquisa. Devido à existência de uma infinidade de línguas em nosso planeta, se torna necessária a necessidade do traduzir, de aproximar culturas e povos diversos, costumes, uma vez que o tradutor se encarrega de versar por toda a multiplicidade existente, eliminando qualquer hipótese de universalidade. Nas línguas de sinais (LS) não é diferente, essa pluralidade e diversidade se faz presente também nas comunidades surdas ao redor do nosso planeta.

No Brasil, com a regulamentação da Libras (Língua Brasileira de Sinais), de característica visuo-espacial articulada através das mãos, das expressões faciais e do corpo (QUADROS, 2007, p.19). A comunidade surda brasileira obteve ganhos, dentre eles a compreensão da importância de se trabalhar em uma abordagem bilíngue na esfera educacional, além de que possibilitou a reflexão sobre a atuação do Tradutor e Interprete da Língua de Sinais, doravante TILS¹.

A Libras, assim como as demais línguas de sinais (como a ASL, BSL, LSF, dentre outras)², são consideradas línguas naturais, pois seguindo a linha Saussuriana, há existência de unidades mínimas formadoras de unidades complexas, que podem ser observadas em qualquer língua de sinais espalhadas pelo planeta, na qual compreendem os níveis morfológico, fonológico, sintático, semântico e pragmático. Além de registros diversos e dialetos regionais, que também fazem referência a semelhança existente nas línguas orais (RAMOS, 2004). E neste trabalho iremos discutir os fenômenos tradutórios não fazendo distinção entre ambas as línguas (de sinais e oral), salientando que a diferença está presente apenas no processo de registro, que no caso da LS, é feito através de vídeo.

Há diversos estudiosos que apresentam teorias a respeito dos estudos da tradução e poucas relacionadas a interpretação. Dentre eles podemos citar Campos (1986), Humboldt (1992), Jakobson (1992) e Pagura (2003) que menciona em seus estudos que registros históricos apontam que há indícios das atividades interpretativas presentes em hieróglifos egípcios três milênios antes de Cristo, assim como na Bíblia. Por sua vez, a tradução teve sua origem na Grécia Antiga, no meio diplomático como forma de intercambiar informações entre povos distintos.

De forma simples podemos definir tradução como o ato de transferir, transladar, de modo restrito, uma operação de transferência linguística e, de modo amplo, qualquer operação de transferência entre códigos ou, inclusive, dentro de códigos (GUERINE; COSTA, 2008).

O presente trabalho trata-se de uma Tradução Comentada em Libras do capítulo intitulado “O Sujeito Surdo e a Literatura Surda: Sentidos Possíveis”, do livro “Trilogia Travessia da Diversidade Vol.3”, escrito por Maraisa Lopes. Para fins de registro o produto da tradução encontra-se em anexo, assim como o objeto (Texto Fonte) desta tradução comentada.

Neste sentido, o trabalho se encontra dividido em três capítulos: (I) Referencial Teórico (II) Metodologia (III) Processo de Tradução. No primeiro capítulo serão abordadas as principais referências que fundamentaram este trabalho. No segundo capítulo serão apresentados os processos metodológicos, estratégias utilizadas, obra e etc. O terceiro capítulo trata das discussões e análises dos resultados do processo de tradução.

¹ Em algumas publicações podem ser encontradas outras abreviaturas e siglas para a mesma função. Atualmente, ILS, TILS e TILSP (Tradutor e Intérprete da Língua de Sinais/ Língua Portuguesa) são as mais utilizadas. Essas “siglas” referem-se ao profissional que traduz e interpreta a língua de sinais.

²American Sign Language, British Sign Language, Língua de Sinais Francesa.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

A palavra traduzir é derivado do Latim *traducere*, que significa conduzir de um lugar para outro. Atualmente, outros significados foram incorporados, como o ato de transladar, transpor de uma língua pra outra, assim como, revelar, representar, manifestar, dentre outros. Dessa forma, de modo restrito, traduzir se refere à operação de transferência linguística e, de modo amplo, qualquer operação de transferência entre códigos ou, inclusive, dentro de códigos (GUERINE E COSTA, 2007).

Para Ronai, em seu livro *A Tradução Vivida*, o conceito de tradução é mais do que passar para outra língua. Ele afirma que:

Ao definirem “tradução”, os dicionários escamoteiam prudentemente esse aspecto e limitam-se a dizer que “traduzir é passar para outra língua”. A comparação mais óbvia é fornecida pela etimologia: em latim, *traducere* é levar alguém pela mão para o outro lado, para outro lugar. O sujeito deste verbo é o tradutor, o objeto direto, o autor do original a quem o tradutor introduz num ambiente novo [...], mas a imagem pode ser entendida também de outra maneira, considerando-se que é ao leitor que o tradutor pega pela mão para levá-lo para outro meio linguístico que não o seu. (Rónai, 1975 pp. 19-20)

Campos (1986) ressalta que a tradução pode estar relacionada com o léxico, a sintaxe, ou a morfologia de ambas as línguas que fazem parte do processo tradutório. Segundo o autor, traduzir vai além da busca por termos equivalentes, para ele:

Não se traduz afinal de uma língua para outra, e sim de uma cultura para outra; a tradução requer assim, do tradutor qualificado, um repositório de conhecimentos gerais, de cultura geral, que cada profissional irá aos poucos ampliando e aperfeiçoando de acordo com os interesses do setor a que se destine o seu trabalho. (CAMPOS, 1986, p.27-28).

A maioria das pessoas, quando pensa em tradução, faz a ideia de uma atividade puramente mecânica em que um indivíduo conhecedor de duas línguas vai substituindo, uma por uma, as palavras de uma frase na língua “A” por seus equivalentes na língua “B”

(RÓNAI, 1975). Na verdade, ocorre de maneira diferente, às palavras não possuem sentido de forma isolada, mas dentro um contexto, e por fazerem parte desse contexto.

O processo de tradução é um processo dinâmico, no qual o tradutor busca por certa equivalência entre os signos da mesma língua, de línguas diferentes ou de distintos sistemas. Essa busca envolve escolhas e tomadas de decisão do tradutor sobre o que seria a melhor tradução já que nem sempre será possível a equivalência completa.

Logo, não basta somente substituir os termos de uma dada língua para outra, ou ter um vasto vocabulário de ambas as línguas, isso não garantirá a qualidade do texto traduzido, é necessário também um grande conhecimento das culturas dos povos envolvidos.

Ronai (1975, p.18) ressalta que o papel do tradutor se torna singularmente mais importante; perde o que tinha de mecânico e se transforma numa atividade seletiva e reflexiva.

Jakobson (1992) por entender a tradução como um ato puramente linguístico organizou a tradução em três tipos: A tradução intralingual, ou reformulação, que consiste na interpretação dos signos verbais por meio de outros signos da mesma língua. A tradução intralingual, ou tradução propriamente dita, que consiste na interpretação dos signos verbais por meio de alguma outra língua. E a tradução intersemiótica, ou transmutação, que consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais

A tradução intralingual, ocorrerá sempre em qualquer texto, independentemente de sua relevância, compreender e interpretar estão diretamente ligados a esse tipo de tradução. Segundo Jakobson:

A tradução intralingual de uma palavra utiliza outra palavra, mais ou menos sinônima, ou recorre a um circunlóquio. Entretanto, via de regra, quem diz sinonímia não diz equivalência completa: por exemplo, "todo celibatário é solteiro, mas nem todo solteiro é celibatário". Uma palavra ou um grupo idiomático de palavras, em suma, uma unidade de código do mais alto nível, só pode ser plenamente interpretada por meio de uma combinação equivalente de unidades de código, isto é, por meio de uma mensagem referente a essa unidade de código: "todo solteiro é um homem não casado e todo homem não-casado é solteiro", ou "todo celibatário está decidido a não casar-se e todo aquele que esteja decidido a não casar-se é um celibatário" (JAKOBSON, 1992, p.65).

Paulo Ronai (1975) afirma ainda que utilizamos este tipo constantemente, pois, ao vazarmos em palavras um conteúdo que em nosso pensamento existia apenas em estado nebuloso, estamos também traduzindo, mas praticando a tradução intralingual, operação esta que tem as suas próprias dificuldades e cujo resultado nos deixa insatisfeito na maioria das vezes.

A tradução interlingual, consiste na reformulação de uma mensagem num idioma diferente daquele em que foi concebida. Para Jakobson:

no nível da tradução interlingual. não há comumente equivalência completa entre as unidades de código, ao passo que as mensagens podem servir como interpretações adequadas das unidades de código ou mensagens estrangeiras. A palavra portuguesa queijo não pode ser inteiramente identificada a seu heterônimo em russo corrente, syr, porque o requeijão é um queijo, mas não um syr[...]. Mais frequentemente, entretanto, ao traduzir de uma língua para outra, substituem-se mensagens em uma das línguas, não por unidades de código separadas, mas por mensagens inteiras de outra língua. Tal tradução é uma forma de discurso indireto: o tradutor recodifica e transmite uma mensagem recebida de outra fonte. Assim, a tradução envolve duas mensagens equivalentes em dois códigos diferentes (JAKOBSON, 1992, p.65).

Jakobson (2005, p. 67) salienta ainda que “toda experiência cognitiva pode ser traduzida e classificada em qualquer língua existente. Onde houver uma deficiência, a terminologia poderá ser modificada por empréstimos, calcos, neologismos, transferências semânticas e, finalmente, por circunlóquios”.

A tradução intersemiótica, de acordo com as formulações de Jakobson, pode ser definida como a transmutação de uma obra de um sistema de signos a outro. A forma mais frequente se dá entre um sistema verbal e um não-verbal, como acontece com a passagem da ficção ao cinema, vídeo e história em quadrinhos; com a ilustração de livros; com a passagem de texto a publicidade. No entanto, ela pode acontecer também entre dois sistemas não-verbais, como por exemplo entre música e dança e música e pintura.

Para Ronai (1975, p.17), a tradução intersemiótica é “aquela a que nos entregamos ao procurarmos interpretar o significado de uma expressão fisionômica, um gesto, um ato

simbólico mesmo desacompanhados de palavras. É em virtude dessa tradução que uma pessoa se ofende quando outra não lhe aperta a mão estendida ou se sente à vontade quando lhe indicam uma cadeira ou lhe oferecem um cafezinho”.

Na tradução intersemiótica há também uma relação entre o sistema de signos original e o sistema de signos final. Portanto, há também uma busca do tradutor por equivalência, a qual é de outra ordem (ou seja, envolve diversos elementos pertencentes aos diferentes sistemas envolvidos).

Devido ao fato de a tradução ser uma atividade que envolve escolhas que não dependem somente de questões linguísticas, a noção de equivalência pode também ser vista com base em aspectos culturais, comunicativos, cognitivos e/ou contextuais relacionados à sua produção e à sua recepção.

Fischer-Lichte (1987) comenta sobre a questão da busca pela equivalência:

“a equivalência não pode ser identificada como identidade de sentido nem do sentido que o texto faz surgir, nem do sentido de seus elementos [...] um julgamento de equivalência não significa uma relação existente que possa ser percebida e afirmada por qualquer um, mas o resultado de um processo hermenêutico em que a leitura do texto dramático se relaciona à ‘leitura’ do teatral (dramatização, encenação) com referência aos sentidos que são resgatados por ambos” (Fischer-Lichte, 1987, p.211).

Diniz (1999) acerca dos tipos de tradução elencados por Jakobson, afirma que:

Mesmo que se estabeleçam equivalentes semânticos para os elementos de dois sistemas de signos diferentes, não se pode abranger todas as nuances de cada um dos sistemas. Por isso, como bem reconhecem todas as teorias de tradução, não se pode encontrar uma correspondência total entre dois textos (sejam eles ou não de sistemas diferentes). Toda tradução irá, portanto, oferecer sempre algo além ou aquém do chamado original, e o sucesso não dependerá apenas da criatividade nem da habilidade, mas das decisões tomadas pelo tradutor, seja sacrificando algo, ou encontrando a todo custo um equivalente. Se nos lembrarmos de que o sentido é o resultado de uma interpretação, de uma leitura, e da função que o texto/tradução terá para a audiência a que se destina, nunca poderemos avaliar uma tradução com critérios de fidelidade. (DINIZ, 1999, p. 2)

Para Segala (2010) na tradução de Língua Portuguesa para Libras, esses diferentes tipos de tradução precisam captar as especificidades envolvidas nesse processo, pois estamos diante de línguas em diferentes modalidades.

1.1 Reflexões sobre a educação de surdos

A língua brasileira de sinais é uma língua de caráter visual-espacial articulada através das mãos, das expressões faciais e do corpo (QUADROS, 2007, p.19). No Brasil, na década de 1990, houve uma grande luta pelo reconhecimento da língua brasileira de sinais (ALBRES, 2016, p.15), contudo, somente em 2002 através da promulgação da Lei nº 10.436/2002 (Brasil, 2002), a Libras foi reconhecida como meio legal de Comunicação e Expressão, determinando que sejam garantidas formas institucionalizadas de apoiar seu uso e difusão. Sendo que, esta foi regulamentada em dezembro de 2005, pelo decreto nº 5.626/2005 (BRASIL, 2005).

Entretanto, sobre a educação de surdos em nosso país, podemos encontrar três fases, salientando que a terceira e atual fase, se configura em um processo de transição. A primeira, é chamada de educação oralista, na qual os resquícios de sua ideologia perduram até os dias de hoje, cuja a proposta está centrada no “recuperar” o sujeito surdo (QUADROS,1997).

Quadros (1997) menciona ainda que com base no ensino desenvolvido em muitas cidades brasileiras, o oralismo sempre foi e continua sendo uma experiência que apresenta resultados nada satisfatórios para o desenvolvimento da linguagem e da comunidade surda. Sacks (1990) relata que muitos surdos são considerados iletrados funcionais, devido a supressão do sinal e ao oralismo que ocasionou uma deterioração das conquistas das crianças surdas e no grau de instrução do surdo em geral.

Um estudo feito pela Gallaudeth em 1972 revelou que o nível médio de leitura dos graduados surdos de dezoito anos em escolas secundárias nos Estados Unidos era equivalente apenas a quarta série, outro estudo realizado na Inglaterra indica uma situação similar, onde estudantes surdos, por ocasião da graduação, leem no nível de crianças de nove anos (SACKS, 1990, p.45).

A realidade brasileira não diverge muito das apresentadas, apesar de não haver um levantamento mais detalhado sobre o desempenho escolar de pessoas surdas no Brasil, os

profissionais e a comunidade surda reconhecem as defasagens no meio escolar que impedem o sujeito surdo de crescer no âmbito acadêmico e de competir no mercado de trabalho.

Diante desse contexto surge uma proposta que permite o uso de língua de sinais com o objetivo de desenvolver a linguagem na criança surda (QUADROS, 1997), entretanto, a língua de sinais nesse sentido, é utilizada como recurso para o ensino da língua oral, os sinais são apresentados dentro da estrutura da língua portuguesa, e esse sistema passa a ser chamado de português sinalizado. O ensino se torna bimodal, e foi defendido como melhor proposta para o ensino do surdo.

Nesse meandro, Ferreira Brito (1993) Westphal (1995) e Duffy (1987), salientam que essa modalidade não possibilita a aquisição e preservação das duas estruturas linguísticas, podendo haver prejuízos na produção de sentido, ocorrendo um atraso no processo de ensino aprendizagem do surdo.

Dessa forma, o bilinguismo surge como uma proposta de ensino a ser utilizada por escolas que procuram tornar acessível à criança as duas línguas no contexto educacional. Tal proposta tem sido defendida também, como a mais adequada para o ensino da língua escrita (QUADROS 1997). E assim, espera-se que através da concepção bilíngüe, o surdo aprenda o conhecimento através de sua primeira língua (L1) vista como língua “natural” (FERNANDES, 2003, p.17).

Neste contexto o intérprete torna-se parte ativa do processo pedagógico. A proposta bilíngüe: é aquela que acima de tudo estabelece que o trabalho escolar deve ser feito em duas línguas, com privilégios diferentes: A Língua de Sinais como primeira língua (L1) e a língua da comunidade ouvinte local como segunda língua (L2) (SÀ, 1999, p.135).

Além disso, com o advento da lei e seu decreto, os surdos passam a adentrar nas mais diversas esferas sociais, assim como, nos mais variados campos de conhecimento como agentes de produção e não, apenas como sujeitos alvo de estudo (NASCIMENTO, 2012). A legislação trouxe algumas mudanças para o ambiente acadêmico; o crescente aumento na contratação do intérprete de língua de sinais é um dos exemplos (MARTINS, 2006). Isto ocorreu também pelas lutas dos surdos por seus direitos enquanto falantes de uma língua diferente da usada majoritariamente no país. A lei 10.436 de 24 de abril de 2002, salienta e concede o direito aos surdos de uma educação inclusiva plena, alertando que:

Art. 8º As instituições de ensino da educação básica e superior, públicas e privadas, deverão garantir às pessoas surdas acessibilidade à comunicação nos processos seletivos, nas atividades e nos conteúdos curriculares desenvolvidos em todos os níveis, etapas e modalidades de educação (Lei Nº 10.436/02).

É perceptível que essa medida, possibilitou o acesso crescente da comunidade surda nas universidades, além de dar maior visibilidade quanto ao uso das línguas de sinais nas instituições de ensino superior.

Saito, D. S., Scolari, S. H. P., & Felício, M. D. (2011) mencionam a necessidade de convergir esforços em torno do desenvolvimento de materiais didáticos bilíngues Libras/Português tornando-se evidente na medida em que observam-se os dados sobre a situação escolar dos surdos brasileiros. Segundo dados do IBGE em 2000, no Brasil haviam 5.750.809 pessoas com problemas relacionados à surdez, sendo que, destes, 519.560 com idade até 17 anos e 276.884 com idade entre 18 e 24 anos. E segundo dados do MEC no ano de 2003, 56.024 alunos surdos frequentavam o ensino fundamental e 2.041, o médio. Somente 3,6% do total de surdos matriculados conseguiram concluir a educação básica, o que evidencia a exclusão escolar provocada pelas barreiras na comunicação entre alunos surdos e professores.

Atualmente, embora a Lei 5.626 obrigue as instituições públicas de ensino a possuir recursos para atender os surdos, ainda se verifica uma forte demanda por profissionais e materiais didáticos de qualidade direcionados a este público.

Salles et. al (2004) menciona que a produção de materiais bilíngues demanda pesquisa e participação de profissionais aptos para a elaboração, tendo em vista que se trata de duas línguas de modalidades distintas, além de que deverá ser levado em consideração que se trata de um material bicultural, obedecendo culturalmente às duas línguas em questão.

A visão é o meio de comunicação mais marcante na comunicação do surdo. A “experiência visual” é considerada um espaço de produção, no qual os surdos imaginam como seria o mundo em língua de sinais, uma vez que as produções surdas têm capacidade de transmitir os conhecimentos em língua de sinais (QUADROS, 1997).

Em 2006, a Universidade Federal de Santa Catarina iniciou a primeira graduação em Letras Libras na modalidade de educação à distância. A primeira edição contou com a participação de oito instituições de ensino superior conveniadas, possibilitando o oferecimento simultâneo da formação em diferentes regiões do país. Foram 9 (nove) polos, localizados nas: Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Universidade Federal do Ceará (UFC), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade de Brasília (UnB), Centro Federal de Educação Tecnológica do Estado de Goiás (CEFET/GO), Universidade de São Paulo (USP), Instituto Nacional de Educação de Surdos no Rio de Janeiro (INES/RJ), Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Em 2008, o curso foi novamente oferecido com uma novidade: além do curso de Licenciatura, foi ofertado mais 450 vagas do Curso de Bacharelado em tradução e interpretação em Letras-Libras para 450 alunos, em 15 polos sendo distribuídos em todas as regiões do Brasil. O curso possibilitou uma melhoria no que diz respeito a produção de materiais traduzidos para Libras, começaram a surgir produções isoladas, entretanto, como a produção visual é dispendiosa, a carência de materiais ainda se faz presente, acarretando em um número insuficiente de publicações, sendo que os materiais são de suma importância para a construção de uma auto representação e de autoafirmação da identidade, língua e cultura dos surdos (CAMPELLO, 2008, p. 138).

Dessa forma, vemos a necessidade por materiais bilíngues que possa atender a comunidade surda, tanto no âmbito acadêmico como fora dele. Materiais esses devidamente registrados em vídeo por tradutores, de acordo com Quadros e Souza (2008, p. 175).

Os textos traduzidos para a Língua Brasileira de Sinais são filmados, pois é uma língua vista pelo outro, é uma língua que usa as mãos, o corpo, as expressões faciais, é uma língua que depende da presença material do corpo do “tradutor”, por isso, também “ator”.

Considerando que o texto é de cunho acadêmico, voltado para a área de Literatura Surda, Felício (2014) afirma que, com a circulação de obras de literatura surda, ocasiona a constituição de comportamentos, e a valorização da língua de sinais. Porém é necessário que haja o acesso por parte do leitor surdo a esses textos, para que o mesmo possa vir a dialogar com a obra, intervir e dar significado.

Albres (2016) afirma que, quando a obra literária é escrita em uma língua e lida em outra, ou seja, quando é materializada pela escrita e lida em uma língua diferente do original escrito, o processo se torna complexo, fazendo com que o leitor adquira outro papel além de leitor, como o de produtor de significação para outro texto.

Um dos focos principais deste trabalho é prover elementos para a construção do sentido pelo próprio leitor surdo, através da leitura traduzida de sua língua original para a língua brasileira de sinais.

1.2 Fidelidade em tradução

Quando se trata de questões que englobam a fidelidade na tradução, muitos questionamentos surgem devido à problemática do assunto, uma vez que ao pensar em fidelidade como uma ideia de representação fiel ao texto original, tornando o tradutor, segundo Albert (1993) um escravo do texto e/ou do autor do original atrelado às restrições impostas pelas diversidades linguísticas e culturais, abstraindo se do próprio ser tornando-se um mero canal livre ruídos ou outras obstruções a sua nova configuração linguísticas.

Junior e Vasconcellos (2008) mencionam que tradicionalmente a fidelidade tem sido utilizada para marcar uma aderência literal ao texto original, agregando valor positivo. Porém, o que geralmente acontece é que os usuários do termo fidelidade não estão preocupados em defini-lo, ocorrendo tão somente a associação do conceito com um dos aspectos da tradução, independentemente de sua relação com o texto original.

Rosemary Arrojo (1999, p. 45) defende que:

Contudo, se concluimos que toda tradução é fiel às concepções textuais e teóricas da comunidade interpretativa a que pertence o tradutor e também aos objetivos que se propõe, isso não significa que caem por terra quaisquer critérios para a avaliação de traduções. Inevitavelmente [...] aceitaremos e celebraremos aquelas traduções que julgamos “fiéis” às nossas próprias concepções textuais e teóricas, e rejeitaremos aquelas de cujos pressupostos não compartilhamos. Assim, seria impossível que uma tradução (ou

leitura) de um texto fosse definitiva e unanimemente aceita por todos, em qualquer época e em qualquer lugar. As traduções, como nós e tudo o que nos cerca, não podem deixar de ser mortais (ARROJO, 1999, p.45).

Arrojo questiona o conceito de fidelidade quando se trata de transferência total dos significados de um texto em uma língua, para outro texto em outra língua, com argumento de que nenhuma tradução seria capaz de captar a totalidade do significado original à sua nova configuração linguística.

Diante disso, o tradutor já se torna o traidor por significar no idioma estrangeiro algo que faz sentindo apenas na língua original. “Não existe nenhuma língua capaz de dar conta de outra língua, pois a língua se apresenta como uma formação que se fecha sobre si mesma. Só dentro dela sendo possível, talvez, exprimir o que é seu modo de construção”. (SILVEIRA JR.,198, p. 16).

Segundo Rónai (apud ROSA, 2006), as palavras intraduzíveis de um idioma para outro podem parecer, num primeiro momento, a um tradutor desatento, o maior problema. Entretanto, não é o que ocorre, pois, para palavras que não têm equivalência textual na língua alvo, é possível fazer uso de notas de rodapé; além disso, o tradutor não se ilude em realizar uma tradução desejando alcançar a fidelidade. Está claro que não é possível (con)formar a obra do original na língua de chegada, na tentativa de obter a “fidelidade”.

Para Rónai (apud ROSA, 2006), a dificuldade da tradução reside justamente nas palavras traduzíveis: são essas que enganam ou alimentam a ilusão de ser possível a “fidelidade” da tradução.

Assim, todo tradutor se depara com escolhas que irão determinar para qual língua a tradução será destinada, seja a língua de partida ou a de chegada. Em Oliveira (2012) estes dois polos são apresentados por Venuti (apud Oliveria, 2012), como *foreignizing* e *domesticating*, isto é, estrangeirização e domesticação, respectivamente. Talvez o exemplo mais modernizado e até provocativo de domesticação seja a tradução bíblica de Lutero. Quando propõe uma alternativa mais contemporânea e direta para o trecho de Mateus 12,34 “Ex abundantia cordis os loquitur” traduzido popularmente como “Sai pela boca aquilo de que o coração está cheio”, causando um estranhamento aos ouvidos mais “puristas” acostumados

ao “Da abundância do coração fala a boca”. Nesse caso fica claro saber a qual língua o tradutor foi fiel.

Dessa forma, a tradução fiel é muito menos alcançada pela tradução palavra por palavra, do que por uma substituição contínua. “A arte do tradutor consiste justamente em saber quando pode verter e quando deve procurar equivalências.” (RÓNAI, 1952, p.13).

1.3 Métodos de tradução

Segundo os estudos de Heloisa Barbosa (2004), há treze procedimentos de tradução que foram categorizados a partir da identificação dos aspectos e das formas linguísticas que se aproximam ou distanciam uma língua e outra. Tais procedimentos foram recategorizados por Barbosa (2004), que teve como base os estudos de Vinay e Dalbert (1977), Nida (1964). Aubert (1978, 1981, 1983, 1987), Bordenav (1987), além de outros teóricos da tradução. Destacamos os seguintes procedimentos: a tradução palavra-por-palavra, a tradução literal, a transposição, a modulação, a equivalência, a omissão vs. a explicitação, a compensação, a reconstrução de períodos, as melhorias, a transferência (que abrange o estrangeirismo, a transliteração, a aclimatação e a transferência com explicação), a explicação, o decalque e a adaptação.

Para Williams e Chesterman (2002), os procedimentos teóricos da tradução se resumem a três tipos:

- I. O Modelo Comparativo – que tem como objetivo principal analisar as relações de equivalência entre o texto de partida e o texto de chegada. Há uma preocupação com o alinhamento entre as línguas

- II. O Modelo de Processo - como o nome indica, centra-se na tradução como um processo, e baseia-se em certos modelos de comunicação, como por exemplo, o típico modelo emissor-mensagem-receptor. Este modelo estabelece uma sequência lógica no processo da tradução. O tradutor reproduz um texto

semelhante ao original, mas faz umas pequenas modificações com a intenção de fazer sentido para os leitores.

- III. O Modelo Causal - na qual a tradução varia consoante a experiência do tradutor e as condições em que o tradutor tem que apresentar o seu trabalho.

2. A PESQUISA

O presente trabalho trata-se de uma tradução feita da Língua Portuguesa de um texto escrito para a Língua Brasileira de Sinais, de modo que foram adotados alguns procedimentos que serão descritos a seguir.

Tal procedimento consiste em dois momentos; 1) A análise dos elementos textuais conforme Magalhães (2000) e 2) A tradução comentada com base nos pressupostos de Williams e Chesterman (2002).

Magalhães (2000) sobre as análises dos elementos textuais, traz estratégias a níveis macro (gênero, padrões retóricos, elementos coesivos, de coerência e contextualização) e micro (lexical e gramatical) do texto a ser traduzido com base nas Unidades de Tradução (UT). Que conforme Kenny (1998) trata-se de um segmento textual, no qual o tradutor a corresponde como uma unidade cognitiva isolada para estabelecer equivalência, e de acordo com as definições de Vinay e Darbelnet (1958) as Uts são equiparadas a uma unidade de significado, que ao mesmo tempo se correspondem como uma unidade lexicográfica.

As estratégias metodológicas foram fundamentadas a partir de Williams e Chesterman (2002), os quais introduzem distinções entre os tipos de pesquisa em Tradução. Dessa forma, apresenta-se com base nesses pesquisadores da área de Estudos da Tradução, o método que norteou essa pesquisa, revelando suas características, dentre outros aspectos:

Segundo a definição que Williams e Chesterman (2002) adotam para pesquisa empírica, qual seja, aquela investigação que “procura por novos dados, novas informações derivadas da observação de dados e do trabalho experimental; e ainda que procura evidências que dêem suporte ou não confirmem hipóteses, ou gerem outras”; entende-se que este estudo se trata de uma pesquisa mais empírica que conceitual ou teórica, visto que, o objetivo maior não é “definir ou esclarecer conceitos, nem interpretar ou re-interpretar idéias, nem referir conceitos em sistemas maiores, nem tampouco introduzir novos conceitos ou metáforas ou estruturas que permitam um entendimento melhor do objeto de pesquisa” (WILLIAMS e CHESTERMAN, 2002: 58).

Os autores ainda acrescentam que a tradução comentada contribui para a pesquisa aumentando a consciência do ato tradutório, e conseqüentemente a qualidade da tradução. Para eles a tradução comentada é definida como:

A tradução com comentário (ou tradução comentada) é uma forma de pesquisa introspectiva e retrospectiva em que o tradutor traduz um texto e, ao mesmo tempo, escreve um comentário a respeito de seu processo de tradução. Esse comentário inclui alguma discussão a respeito do encargo de tradução, uma análise de aspectos do texto fonte e justificativas bem fundamentadas dos tipos de soluções a que se chegou para tipos específicos de problemas de tradução (WILLIAMS & CHESTERMAN, 2002, p. 7)

De modo a estabelecer uma ponte entre as especulações sobre a tradução e sua prática, uma vez que o tradutor reflete sobre os processos da tarefa empreendida.

O presente trabalho abordou o modelo processual e dentro dos Estudos da Tradução está situado em duas áreas, como: 1) Análise de texto e tradução (Text Analysis and Translation) e, 2) Processo de tradução (Translation Process), pela própria autenticidade dos processos operacionais realizados na tradução de línguas viso/espacial.

2.1 Procedimentos de tradução

Segundo Santiago (2012) os procedimentos que envolvem o ato de traduzir são categorizados a partir da identificação de elementos linguísticos e de formas linguísticas que podem aproximar ou não uma língua da outra. Nesse sentido, o tradutor necessita realizar escolhas adequadas e tomar decisões acertadas, para que seja possível aprofundar seu nível de reflexão sobre os aspectos linguísticos, cognitivos, sociais e culturais que caracterizam o processo de translação. A metarreflexão sobre a realização da tradução contribui com o desenvolvimento de habilidades e conhecimentos e, por sua vez, com uso de estratégias de

apoio externo e interno no processo de tomadas de decisão e solução de problemas. Dessa forma, para a construção deste trabalho, utilizamos algumas estratégias de tradução elencadas por Barbosa (2004), dentre elas, a tradução literal, que segundo a autora é aquela que mantém a semântica estrita, adequando a morfossintaxe às normas gramaticais da língua de tradução. Nesse tipo de tradução que é comumente confundida com a tradução palavra por palavra, é bastante utilizada principalmente no discursos acadêmicos, pois em algumas situações faz se necessário a aproximação das duas línguas, por exemplo, quando o interlocutor deseja compreender como a fala foi construída na língua fonte, entretanto, é importante ressaltar que a sintaxe pode ser alterada durante o procedimento de tradução literal, seguindo as normas da língua alvo. A fim de otimizar a tarefa tradutória, os registros em glosa foram projetados na parede oposta ao local onde o tradutor realizou a gravação, possibilitando o mesmo visualizar os trechos para sinalizar depois, e caso necessário fazer alterações durante o processo tradutório.

2.2 Aspectos Técnicos da Captação e Edição da Imagem de Tradução

A tradução da obra em vídeo de Lopes (2016) em anexo a este trabalho foi realizada em estúdio. Assim, fora reservada uma área com boa luminosidade e espaço suficiente para registro dos movimentos pertinentes a sinalização. O fundo escolhido foi o Chroma Key Azul e o registro de imagem através de uma câmera Canon – 6D.

Na tradução foram consideradas algumas orientações estabelecidas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) para captação da tradução em vídeo, foram elas (NBR15290, 2005):

- Iluminação suficiente para a câmera de vídeo captar, com qualidade o intérprete e o fundo.
- Câmera de vídeo fixada em tripé fixo, - marcação no solo para delimitar o espaço de movimentação do intérprete - contrastes de cores nítidas (entre o fundo e o intérprete)

- A vestimenta, a pele e o cabelo do intérprete devem ser contrastantes entre si e entre o fundo. Devem ser evitados fundos e vestimenta em tons próximos ao tom da pele do intérprete.

Para a realização da tradução para a Libras, as unidades de tradução foram expostas por meio da projeção na parede oposta ao tradutor através do Datashow, como se fosse um teleprompter improvisado. Sendo assim, foi possível a realização da tradução para a Libras a medida em que o tradutor via as Uts na projeção.

Desta forma, o texto foi dividido em 4 (quatro) partes e para cada parte foi reservado uma cor diferente afim de obedecer as orientações da ABNT, a divisão foi realizada conforme tabela abaixo:

Figura 1 – Quadro de divisão de vestimenta e contraste.

Divisão de vestimenta e contraste		
Texto	Camisa Lisa Preta	
Citação	Camisa Lisa Vermelha	

Títulos	Camisa Lisa Branca	
Glossário		

Fonte: O Autor (2008)

2.3 A autora



Fonte: <http://lattes.cnpq.br/8152621820012936>

Maraisa Lopes³ possui graduação em Letras e especialização em Estudos da Linguagem pela Universidade de Mogi das Cruzes. Mestre em Linguística, área de concentração - Análise de Discurso, e, Doutora em Linguística (Bolsista CNPq-06/2009 a 06/2010), área de concentração - História das Ideias Linguísticas, pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Estadual de Campinas. Pós-Doutora em Educação de Surdos (Deaf Education) pela Flagler College (Florida/USA), com estágio pós-doutoral realizado junto ao Masters Program in Education of the Deaf and Hard of Hearing, sob a supervisão da Profa. Dra. Margaret Finnegan. Visiting Scholar, Bolsista da Comissão Fulbright (Seleção 2016 para os anos 2017/2018), com atividades desenvolvidas na Flagler College (Florida/USA). Professora Adjunta III, Linguística, da Universidade Federal do Piauí (UFPI), Campus Ministro Petrônio Portela. Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí (PPGEL), Campus Ministro Petrônio Portela. Líder do Núcleo de Pesquisas em Análise do Discurso (NEPAD). Atualmente, é Coordenadora Geral de Graduação, Pró-reitoria de Graduação/UFPI

2.4 A obra

Em “O Sujeito Surdo e a Literatura Surda: Sentidos Possíveis”, a autora explora como o sujeito diverso, mais especificamente o sujeito surdo tem se/sido significado por meio da Literatura Surda, mais especificamente, a partir de um gesto da leitura da obra *Le Cri de la Mouette* de Emmanuelle Laborit⁶. A obra foi publicada pela editora Pontes no livro “Trilogia Travessia da Diversidade, vol.3 Arte e Diversidade” em 2016.

A obra ainda traz em seu corpo, reflexões de como o discurso trazem consigo marcas subjetivas, como a língua exerce um poder tornando os sujeitos submissos através da sua experiência de mundo e pela injunção de sentidos, de significar-se. Compreender ainda que os sentidos não existem em si, mas são determinados pelas posições ideológicas, que representa o lugar da constituição de sentido e da identificação do sujeito.

2.5 O glossário⁴

O glossário foi desenvolvido após a identificação dos termos que eram desconhecidos pelo tradutor. Sendo assim, para a construção da tradução foram realizados dois procedimentos, o primeiro consistia em uma leitura geral do texto tomando nota dos principais conceitos e sinais de autores citados no corpo do texto. O segundo consistia em conversar com a autora do texto para verificar as propostas de tradução.

A leitura do artigo foi dividido em dois momentos: Leitura conceitual e leitura crítica. Na leitura conceitual é realizada a busca dos significados e conceitos no texto. E a leitura crítica que se deu na identificação das características da obra. Desse modo a construção do glossário foi feita conforme a tabela a seguir.

Figura 2 – Quadro do glossário – Autores

Sinais dos Autores	
 <p>LABORIT, Emmanuelle</p>	 <p>FERREIRA, Lucinda</p>
 <p>GESSER, Audrei</p>	 <p>QUADROS, Ronice</p>
 <p>KARNOPP, Lodenir</p>	 <p>SKLIAR, Carlos</p>
 <p>LOPES, Maraisa</p>	 <p>STROBEL, Karen</p>

Fonte: O Autor (2018)

Figura 3 – Quadro do glossário – Terminologia

TERMINOLOGIA	CONCEITOS
ANALISE DO DISCURSO	É um campo da linguística e da comunicação especializado em analisar construções ideológicas presentes em um texto.
CARTESIANO	Começa duvidando de tudo, convencido de que tanto a opinião tradicional como as experiências da humanidade são guias de mérito duvidoso, resolveu adotar um novo método inteiramente isento da influência de ambos.
EFEITO	Produto, resultado de uma ação; consequência: não há efeito sem causa. / Impressão produzida no espírito, na sensibilidade: efeito de um discurso.
IDEOLOGIA	Ideologia, em um sentido amplo, significa aquilo que seria ou é ideal. Este termo possui diferentes significados, sendo que no senso comum é tido como algo ideal
INDIVIDUO	. Indivíduo consiste num ser individual, conhecido pela sua existência única e indivisível. Este termo costuma ser utilizado como sinônimo de cidadão, ou seja, um ser humano inserido num ambiente social.
RESISTENCIA	Qualidade de um corpo que reage contra a ação de outro corpo. / Aptidão para suportar a fadiga, a fome, o esforço: soldados que têm resistência. / Defesa contra um ataque.
SIGNIFICAÇÃO	O que é representado ou expresso por um sinal, um sistema de sinais, um gesto, um fato. / Linguística Representação mental evocada por uma forma linguística; aquilo que uma palavra quer dizer; significado, sentido, acepção. / Fig. Valor, importância: este objeto tem para mim grande significação.

SUBJETIVIDADE	É o que se passa no íntimo do indivíduo. É como ele vê, sente, pensa à respeito sobre algo e que não segue um padrão, pois sofre influências da cultura, educação, religião e experiências adquiridas
SIMBOLICO	Ordem da formulação da língua. Refere-se a possibilidade de comunicação, atravessada ideologicamente.

Fonte: O Autor (2018)

³ <http://lattes.cnpq.br/8152621820012936>

⁴ O glossário foi filmado e incluso no link anexado a este trabalho.

3 ANÁLISE DOS DADOS

3.1 Análise da tradução comentada

Barbosa (2004) definiu tradução como atividade humana realizada através de estratégias mentais empregadas na tarefa de transferir significados de um código para outro. E para este trabalho, que consiste na tradução da LP para a LS do capítulo de livro 8 para posterior registro em vídeo, foram adotados procedimentos que permitiram a reflexão dos processos que envolvem o ato tradutório.

A partir do acesso ao texto a ser traduzido e dos objetivos elencados para a produção de um novo texto em Libras, foi feita a cópia do texto original de modo que, fossem permitidas as anotações e comentários no texto original.

Ao utilizarmos um programa de edição de textos eletrônicos, como o Microsoft Word versão 2016 procurou – se aplicar uma diagramação do texto para servir como corpus do processo tradutório. O texto original contém nove (9) páginas, não possui imagens, com linguagem direta e acadêmica.

Alguns fatores precisaram ser levados em consideração para a produção final do novo texto em vídeo, como por exemplo, o estúdio de gravação. Com a ajuda de outros colegas, foi possível conseguir alguns locais para a realização das gravações de modo semiprofissional. Devido alguns entraves de disponibilidade de horários, foi necessário gravar em três locais diferentes, no entanto, as salas de gravações possuíam os recursos como computador, tripé, iluminação e o pano de fundo com a tecnologia Chroma key. Finalizado processo de gravação e regravações por não ser permitido o trabalho de corte e junções na edição de vídeo os arquivos foram nomeados e salvos em um pen drive para ser entregue a ilha de edição e editados por um profissional surdo. Com a descrição do processo e das especificidades da Libras para a finalização do material podemos agora analisar alguns exemplos de trechos com uso de corpus paralelo para que a nossa análise fique compreensível utilizaremos a notação de glosas. O modelo de apresentações explicativa a cada trecho exemplificado podem causar um estranhamento conforme Nicoloso (2010, p. 12) que diz que “em algum momento pode haver

um impacto, um choque cultural ou um estranhamento”. Vejamos então como se deu as escolhas tradutórias a partir de alguns trechos do texto original.

Figura 4 – Quadro de tradução de trechos

TEXTO EM PORTUGUÊS I			
<p>“Diferença, contradição. Oposição, dessemelhança, multiplicidade, variedade, pluralidade se marcam como efeitos de sentidos possíveis para as varias manifestações recobertas pelo sentido de diverso. Quando pensamos as instituições que regram o convívio entre os sujeitos, notamos o reforço dos processos de discriminação e hierarquização a partir dessas diferenças.”</p>			
TEXTO EM LIBRAS I			
			
DIFERENTE	CONTRADIÇÃO	OPOSIÇÃO	VARIEDADE
			
ETC ^{BOIADE LISTAGEM}	MARCAR	EFEITO ^{DATILOGIA}	SENTIDO
			
POSSIVEL	DENTRO	PRODUÇÃO	RECOBERTO



VÁRI@S

SENTIR

PENSAR

INSTITUIÇÃO



INFLUENCIAR

PESSOA^{CL}

NÓS

PERCEBER



PRECONCEITO

INCENTIVAR

Fonte: O Autor (2018)

TEXTO EM PORTUGUE II

“O sujeito diverso, que rompe com os padrões estabelecidos por um imaginário social acerca do que seja normalidade, tem sido historicamente significado como a pária social, a partir do lugar de exclusão. No entanto, mais recentemente, muitos tem sido os discursos que tem circulado em nossa “O sujeito diverso, que rompe com os padrões estabelecidos por um imaginário social acerca do sociedade versando sobre a necessidade de um enfrentamento a esse processo de significação. Consequentemente olhar para o diverso como uma posição possível/passível de subjetivação tem produzido efeitos em nossa sociedade.”
sociedade versando sobre a necessidade de um enfrentamento a esse processo de significação. Consequentemente olhar para o diverso como uma posição possível/passível de subjetivação tem produzido efeitos em nossa sociedade.”

TEXTO EM LIBRAS II



SUJEITO- DIVERSO

ROMPER

PADRÃO



NORMAL

PRÓPRI@

SOCIEDADE

JÁ



DETERMINAR

EL@

HISTÓRICO



SINAL

OPRIMIR

MAS

HOJE



DENTRO

SOCIEDADE

TER

DISCURSO



TEMA

LUTAR

IMAGINAR

UNIR



LÍNGUA

VER

SUJEITO

DIFERENTE



Fonte: O Autor (2018)

Em ambos os trechos, percebemos o uso quase que dominante da estrutura S- V-O (sujeito- verbo-objeto) e a outras interferências da língua do texto fonte que é a língua materna do tradutor.

Pode-se observar também o grande uso de soletração manual no decorrer da tradução no vídeo, bem como marcas do texto em português. A impressão que se dá ao observar esta tradução é que o tradutor está com uma unidade de registro a vista e está realizando a tradução no mesmo momento, muitas das vezes, palavra-por-palavra. Em alguns momentos percebe-se que o tradutor está lendo alguma coisa à sua frente, devido a movimentos horizontais de vai-e-vem, não linguísticos, de seus olhos.

No que diz respeito ao vocabulário da língua de chegada, foram usados termos (sinais) do conhecimento geral da comunidade surda nacional, sem evitar assim uso de sinais que evidenciassem o regionalismo – fenômeno natural das línguas. Mesmo que, o autor e o tradutor são da mesma região. Com o intuito de gerar sequências mais coesas em Libras alguns parágrafos foram unificados, por serem muito curtos ou porque poderiam ser integrados a fim de gerar mais coerência textual em Libras. Desse modo, a pontuação das orações foi mantida para não alterar o ritmo do texto.

Com o intuito de gerar sequências mais coesas em Libras alguns parágrafos foram unificados, por serem muito curtos ou porque poderiam ser integrados a fim de gerar mais coerência textual em Libras. Desse modo, a pontuação das orações foi mantida para não alterar o ritmo do texto.

Quadros (2004) apresenta alguns problemas identificados no processo de tradução e interpretação da Língua Portuguesa para a Língua de Sinais que podem ser evitados a fim de garantir traduções mais “fideis”, são elas: (1) omissões de informações dadas à língua fonte; (2) acréscimos de informações inexistentes na língua fonte; (3) distorções semânticas e pragmáticas em menor ou maior grau do conteúdo veiculado na língua fonte; (4) escolhas lexicais inapropriadas. (QUADROS 2004, p.70)

Na tradução foram usados termos e expressões absolutamente diferentes, mas que definiam especificamente o “pensamento” do autor. Sendo assim, o vocabulário e os conceitos trabalhados no texto fonte fazem parte do referencial teórico de grande parte dos tradutores e intérpretes da Libras. O que permitiu o processo de decisão de escolhas e de estratégias técnicas. Contudo, com a construção do glossário algumas estratégias habituais na interpretação simultânea (paráfrase, supressão, acréscimos e retomada) não foram necessárias.

A tradução deve ser vista aqui como processo que pode ser analisado e criticado mediante a qualidade da produção, não em busca dos erros, mas, sobretudo, sobre o entendimento dos procedimentos. Caso contrário, as críticas negativas a(o) tradução/tradutor se resumiriam a afirmação traduttore, traditore, ao exame dos “ganhos” e das “perdas” em confronto com o original. Sendo assim, pareceu-me mais produtivo analisar a eficiência e adequação dos tipos de tradução a Línguas de Sinais através da Tradução Comentada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um projeto de tradução de LS possui os mesmos critérios e dificuldades de um projeto em LO. Faz se necessário por parte do tradutor, possuir conhecimentos linguísticos tanto da língua de partida como da língua de chegada. Além de que o mesmo precisa possuir competência tradutória, no qual fará o uso de métodos e estratégias para a sua atuação.

Desse modo, a realização da produção deste material foi pensada com o objetivo de prover elementos para a construção dos sentidos por parte do leitor surdo, através da leitura traduzida de sua língua original para a língua brasileira de sinais, contribuindo também para o crescimento das produções acadêmicas em língua de sinais. Sendo que, ainda há carência de materiais traduzidos que possam abarcar as necessidades acadêmicas da comunidade surda.

Concluimos então este trabalho com a certeza de que não houve pretensão de esgotar todas as estratégias e uso de competências que são requeridas numa tradução. O nosso desejo é, que nossa contribuição sirva a comunidade acadêmica de surdos que terão imensa satisfação em acessar o conteúdo da obra que foi traduzido para a Libras. Assim como os pressupostos teóricos analisados, servirá também aos colegas que estão começando. Que este trabalho possa vir a motivar ainda mais as produções e trabalhos significativos sobre tradução comentada ou que envolvam as línguas de sinais diretamente em produções traduzidas.

REFERÊNCIAS

ABNT. **Acessibilidade em comunicação na televisão**. Accessibility in TV captions. Norma Brasileira ABNT NBR 15290.2005

ALBIR, A. H. A Aquisição da competência tradutória: aspectos teóricos e didáticos. In: PAGANO, A.; MAGALHÃES, C.; ALVES, F. Competência e tradução. Cognição e discurso. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005: 26-27.

ALBRES, N. A.; RUSSO, A.; SILVA, A.; **Diálogos em estudos da tradução e interpretação de língua de sinais**. 1 ed. Curitiba: Editora Prismas, 2016.

ALBRES, Neiva de Aquino. SANTIAGO, Vânia de Aquino Albres (organizadoras). **Libras em estudo: tradução/interpretação** – São Paulo: FENEIS, 2012.

AUBERT, F.H. **A fidelidade no processo e no produto da tradução**. Comunicação apresentada no painel “Conceito de fidelidade em tradução”. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE LINGUÍSTICA APLICADA, 1, 1989, Campinas. Trabalhos em Linguística Aplicada. n.14. Campinas: IEL/Unicamp, 1993.

_____. **As (In) fidelidades da tradução**: servidões e autonomia do tradutor. 2. ed. campinas: UNICAMP, 1994

ARROJO, Rosemary (1993). “**A que são fiéis tradutores e críticos de tradução?** Paulo Vizioli e Nelson Ascher discutem John Donne.” In Tradução, desconstrução e psicanálise. Rio de Janeiro: Imago

_____ (1999). **Oficina de tradução: a teoria na prática**. 4ª ed. São Paulo: Ática.

BARBOSA, H. G. **Procedimentos técnicos da tradução: uma nova proposta**. Campinas: Pontes. 2004

BASSNETT, S. **Estudos de Tradução**. Trad. Vivina de Campos Figueiredo. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

BERMAN, A. *A Prova do Estrangeiro*. Trad. Maria E. Pereira Chanut. Bauru: EDUSC, 2002.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22/12/2005 BRASIL**. Lei nº 10.436, de 24/04/2002

BRITO, L. F. **Por uma gramática de línguas de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, Departamento de Lingüística e Filologia, 1995.

COSTA, W. C. **O texto traduzido como re-textualização**. Cadernos de tradução. Vol. 2. Número 16, pós-graduação em estudos da tradução – PGET. Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Florianópolis- SC, 2005; 25-54.

COSTA, W. C. & GUERINI, A. **Introdução aos Estudos da Tradução**. Florianópolis: LANTEC/UFSC, 2007. v. 1. p.48.

DE OLIVEIRA MARTINS, Vanessa Regina. **Implicações e conquistas da atuação do intérprete de língua de sinais no ensino superior**. ETD: Educação Temática Digital, v. 7, n. 2, p. 158-167, 2006.

DINIZ, Thaïs Flores Nogueira. **Literatura e cinema: da semiótica à tradução cultural**. Editora UFOP, 1999.

ECO, U. **Quase a mesma coisa: experiências de tradução**. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2007.

FISCHER-LICHTE, Erika. "The performance as an'interpretant'of the drama." *Semiotica* 64.3-4 (1987): 197-212.

HOLMES, J. S. **The Name and Nature of Translation Studies**. In: *Translated! Papers on Literary Translation and Translation Studies*. Amsterdam: Rodopi. (1972/1988).

JAKOBSON, R. "Aspectos linguísticos da tradução", in *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1970.

KYLE, J. **O ambiente bilíngüe: alguns comentários sobre o desenvolvimento do bilingüismo para surdos.** In: SKLIAR, C. (Org.). Atualidades da educação bilíngüe para surdos. Porto Alegre: Mediação, 1999. p. 15-26.

LACERDA, C. B. F. **O intérprete educacional de língua de sinais no ensino fundamental: refletindo sobre limites e possibilidades.** In: Ana Claudia Lodi; Kathryn Pacheco Harrison; Sandra Leite de Campos; Ottmar Teske (Org.). Letramento e Minorias. 1ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2002.

_____. **A escola inclusiva para surdos: e a situação singular do intérprete de língua de sinais.** In 27 reunião Anual da Associação Nacional de Pesquisa em Educação: Caxambu, 2004.

VASCONCELLOS, Maria Lucia; BARTHOLAMEI, LAJ. **Estudos da Tradução I.** Material didático do curso a distância Letras/Libras. Florianópolis: UFSC, 2008.

LEVÝ, J. **Die literarische Übersetzung – Theorie einer Kunstgattung.** Frankfurt/a.M: Athenäum Verlag, 1969.

MARQUES, R. R.; OLIVEIRA, J. S. **O Fenômeno de Ser Intérprete.** In: QUADROS, Ronice Müller;

MARTIN, R. **Para entender a lingüística.** Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

MASUTTI, M. L. **Tradução Cultural: desconstruções logofonocêntricas em zonas de contato entre surdos e ouvintes.** Tese de Doutorado. Florianópolis: UFSC. 2007

MILTON, J. **Tradução: teoria e prática.** São Paulo: Martins Fontes, 1998. MOURA, M.C. O surdo: caminhos para uma nova identidade. Rio de Janeiro: Revinter, 2000

NICOLOSO, Silvana. **Traduzindo poesia em língua de sinais: uma experiência fascinante de verter gestos em palavras.** Cadernos de Tradução, v. 2, n. 26, p. 307-332, 2010.

OUSTINOFF, M. **Tradução: história, teorias e métodos**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola. 2011.

PAGANO, A, MAGALHÃES, C, ALVES, F. **Traduzir com autonomia: estratégias para o tradutor em formação**. São Paulo: Contexto, 2000.

PAES, J. P. Tradução - a ponte necessária: aspectos e problemas da arte de traduzir. São Paulo, 1990.

PERLIN, G. T.T. **O ser e o estar sendo surdos: alteridade, diferença e identidade**. 2003. 155F. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de PósGraduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2003

QUADROS, R. M.; K., L. B. (2004). **Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos**. Porto Alegre: Artmed

QUADROS, R. Mr. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa / Secretaria de Educação Especial**; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos - Brasília: MEC; SEESP, 2004.

_____. **Aspectos da tradução da língua portuguesa para a língua de sinais brasileira. In: I Congresso Nacional de pesquisa em tradução e interpretação de língua de sinais brasileira**, UFSC, Florianópolis-SC, 2008.

RÓNAI, P, **Escola de Tradutores**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1952.

ROSA, A. da S. **Entre a visibilidade da tradução de sinais e a invisibilidade da tarefa do intérprete** / Andréa da Silva Rosa. - Campinas, SP: [206], 2005.

SACKS, Oliver. **Vendo vozes: uma jornada pelo mundo dos surdos**. Rio de Janeiro, 1990.

SAITO, Daniela Satomi; SCOLARI, Sérgio Henrique Prado; FELÍCIO, Márcia Dilma. **O design de material didático e o processo de tradução/interpretação (Libras/Português)**:

uma aproximação possível. Proceedings of Simpósio Brasileiro de Sistemas Multimídia e Web, WebMedia, 2011.

SALLES, H. M.; FAULSTICH, E; CARVALHO, O. L.; RAMOS, A. A. L. **Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica.** Brasília: MEC, SEESP. (Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos). 2004. v. 2.

SAUSSURE, F. de. **Curso de lingüística geral.** Trad. de A. Chelini , José P. Paes e I. Blikstein. São Paulo: Cultrix; USP, 1995.

SEGALA, Rimar Ramalho et al. **Tradução intermodal e intersemiótica/interlingual: português brasileiro escrito para Língua Brasileira de Sinais.** 2010.

SCHMITT, D. **Espaço de conforto linguístico/cultural dos surdos na UFSC.** In: Estudos Surdos III; Ronice Müller de Quadros (organizadora) – Petrópolis: Arara Azul, 2008.

SILVEIRA Jr.P. M. da. **A tradução: dados para uma abordagem psicanalítica.** Rio de Janeiro: AOUTRA, 1983.

SOUSA, A. N. de. **Surdos brasileiros escrevendo em inglês: Uma experiência com o ensino comunicativo de línguas.** 2009. 237f. Dissertação (Mestrado em Língua Aplicada) – Programa de pós-graduação em Língua Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza. 2009

SOUZA, S. X. de. **Performances de tradução para a língua brasileira de sinais observadas no curso de Letras-Libras.** 2010. 174f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Programa de pós-graduação em Estudos da tradução. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2010

SKLIAR, C. **Perspectivas políticas e pedagógicas da educação bilíngue para surdos.** In: SILVA, Shirley; VIZIM, Marli. Educação Especial: múltiplas leituras e diferentes significados. Campinas: Mercado de Letras/ALB, 2001.

VENUTI, L. **Escândalos da tradução.** (Tradução de Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda, Valéria Biondo). Bauru, SP: EDUSC, 2002.

VINAY, J.P; DARBELNET. J. **Stylistique comparée du français et l'anglais.** Didier, Paris.1958

WILLIAMS, J. e CHESTERMAN, A. **The Map: a beginner's guide to doing research in translation studies.** Manchester - UK: St Jerome Publishing, 2002.

APÊNDICE

O link para acessar a tradução comentada “A literatura surda e o Sujeito Surdo Sentidos Possíveis”, se encontra disponível em:

< <https://youtu.be/6uDQ1ziXPFs> >

ANEXO – Capítulo 1 do Livro Trilogia, Travessia da Diversidade